

**A DINÂMICA
DO PORTUGUÊS
DE CONTATO DOS
GUARANI DO
ESPÍRITO SANTO:
EFEITO DE VARIÁVEIS
SOCIAIS NA
CONCORDÂNCIA
VERBAL DE 3^a
PESSOA DO PLURAL**

**LA DINÁMICA DEL PORTUGUÉS DE CONTACTO DE LOS GUARANÍ DE ESPÍRITO SANTO:
EFECTOS DE VARIABLES SOCIALES EN LA CONCORDANCIA VERBAL EN 3^a PERSONA DEL
PLURAL**

**THE DYNAMICS OF CONTACT PORTUGUESE OF GUARANI FROM ESPÍRITO SANTO STATE:
EFFECT OF SOCIAL VARIABLES IN THE 3RD PLURAL PERSON VERBAL AGREEMENT**

Poliana Claudiano Calazans*
EEEM Guarapari

Christina Abreu Gomes**
Universidade Federal do Rio de Janeiro | CNPq

* Professora e Coordenadora da área de Linguagens da EEEM de Guaraupari, Mestre em Linguística pela UFES e Doutora em Linguística pela UFRJ. E-mail: polianazans@hotmail.com.

** Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. E-mail: christina-gomes@uol.com.br.

RESUMO: Este artigo trata da dinâmica do português de contato falado pelos Guarani do Espírito Santo, considerando o efeito das variáveis sociais que atuam no condicionamento do uso variável da concordância verbal de 3ª pessoa do plural. O estudo se baseia nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista no que diz respeito à aquisição da variação linguística por falantes de L2 (Howard *et al.*, 2013) e aspectos metodológicos de organização da amostra, coleta e análise dos dados. Os resultados mostraram que a dinâmica da variação do português de contato falado pelos Guarani é fortemente relacionada com aspectos sociais, especificamente no que diz respeito aos papéis de homens e mulheres na organização social dos Guarani e suas consequências no contato com o português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Português de Contato. Guarani. Variação. Concordância verbal.

RESUMEN: Este artículo trata de la dinámica del portugués de contacto hablado por los Guarani en Espírito Santo, considerando el efecto de las variables sociales que actúan en el condicionamiento del uso variable de la concordancia verbal de la 3ª persona en plural. El estudio se basa en los presupuestos teóricos de la Sociolingüística Variacionista con respecto a la adquisición de la variación lingüística por hablantes de L2 (Howard *et al.*, 2013) y aspectos metodológicos de organización de la muestra, recolección y análisis de los datos. Los resultados mostraron que la dinámica de variación del portugués de contacto hablado por los Guarani es fuertemente relacionada a aspectos sociales, específicamente con respecto a los papeles de hombres y mujeres en la organización social de los Guarani y sus consecuencias en el contacto con el portugués brasileño.

PALABRAS CLAVE: Portugués de Contacto. Guarani. Variación. Concordancia Verbal.

ABSTRACT: This article deals with the dynamics of the Contact Portuguese spoken by the Guarani from the state of Espírito Santo, taking into consideration the effect of social variables in constraining the variable use of the 3rd person's verbal agreement. The study is based on the theoretical assumption of Variationist Sociolinguistics regarding the acquisition of linguistic variation by L2 speakers (Howard *et al.*, 2013) and methodological aspects of the sample organization, data collection, and analysis. The results showed that the dynamics of variation of the Contact Portuguese spoken by Guarani is strongly related to social aspects, specifically regarding the roles of men and women in the social organization of Guarani and their consequences in the contact with Brazilian Portuguese.

KEYWORDS: Contact Portuguese. Guarani. Variation. Verb agreement.

1 INTRODUÇÃO

A aquisição de uma segunda língua (L2) envolve aspectos relacionados à idade de aquisição, às semelhanças e diferenças estruturais entre a língua nativa (L1) do falante e a língua-alvo, ao grau de contato com os falantes nativos da língua-alvo, se esta é adquirida naturalisticamente, isto é, se há contato com indivíduos nativos da língua-alvo, e/ou se o falante recebe alguma instrução formal via escola/curso de línguas. Ainda, é necessário considerar o papel da segunda língua nas necessidades comunicativas de seus usuários, as relações de poder entre as línguas em contato, entre outros. Portanto, o entendimento do desenvolvimento de uma segunda língua envolve não só a observação dos aspectos estruturais como também aqueles relativos aos usuários e aos usos, de maneira que língua e experiência com a língua estão relacionadas. Este artigo apresenta os resultados sobre o efeito das variáveis sociais no uso variável da forma verbal de 3ª pessoa do plural com sujeito de 3ª do plural do estudo de Calazans (2018) sobre a variedade do português brasileiro (PB) falada pelos índios Guarani do Espírito Santo.

O português de contato usado em comunidades indígenas do território brasileiro tem sido objeto de estudo de diversos pesquisadores, utilizando diferentes embasamentos teóricos e metodologias, com foco em aspectos fonológicos, morfossintáticos, sintáticos e discursivos (EMMERICH; PAIVA, 2009). Com base na Sociolinguística Variacionista, ao estudo pioneiro de Emmerich (1984), sobre o português de contato do Xingu, seguiram-se outros, utilizando a amostra do estudo de Emmerich: Gomes (1996) e Roncarati (1997), com falantes do Kamaiurá; Paiva (1997), com dados de três grupos geográficos distintos: aldeia Kamaiurá, aldeia Yawalapiti, e um grupo denominado Posto, composto predominantemente por jovens considerados verdadeiros bilíngues; e os estudos de Mollica (1997), Duarte (1997), Lucchesi e Macedo (1997), Macedo (2000) e Loureiro (2005), com falantes de diferentes grupos étnicos, além dos Kamaiurá e Yawalapiti, como os Trumai, Txukarramãe e Aweti. Registre-se ainda o trabalho de Mattos e Silva (1988) sobre o português dos Kamaiurá. Adotando outra metodologia, citem-se os trabalhos de França (1997), Castro, Spaziani

e Lima-Hernandes (2001), com dados do português de contato de falantes do Kamaiurá, e o de Rojas-Berscia, Pereira e Kuikuro (2020), com falantes jovens adultos da etnia Kuikuro, da aldeia Afukuri.

Os estudos sobre as variedades do português falado por indígenas também abrangem outras etnias como o português falado pelos Parkatejê (FERREIRA, 2005), pelos Timbira (AMADO, 2015) e pelos Kaxinauí (CHRISTINO; LIMA E SILVA, 2017; CHRISTINO, 2018). E há ainda estudos que se dedicaram à análise do português escrito de indígenas, que têm o PB como L2, como os de Ferreira Netto (1996), Maia (2005), Lima e Silva (2011) e Christino e Lima e Silva (2012).

A pesquisa de Calazans (2018), desenvolvida com base na abordagem sociolinguística da aquisição de segunda língua, vem se somar a esse conjunto de estudos, ao analisar a variedade do português dos Guarani do Espírito Santo. Foram observados condicionamentos linguísticos, cognitivos e sociais na aquisição de padrões sociolinguísticos do PB na realização variável de formas verbais marcadas de 3ª pessoa do plural com sujeito de 3ª do plural, também referida na literatura como concordância verbal de 3ª pessoa do plural.

A comunidade dos Guarani possui falantes bilíngues em diferentes estágios de aquisição do PB como L2 e tem a língua Guarani como principal característica identitária. Os dados para a análise foram obtidos de uma amostra de fala espontânea, através de entrevistas realizadas com falantes de três aldeias localizadas na cidade de Aracruz. As entrevistas foram conduzidas considerando a metodologia da Sociolinguística (LABOV, 1972). Os conteúdos abordados versaram principalmente sobre as tradições históricas do grupo e o meio ambiente. Também foi organizada uma amostra de fala de falantes do PB como L1, moradores de Aracruz, no entorno da aldeia Guarani, para controle das características da variedade local com a qual os Guarani estabelecem contato mais diretamente. Os resultados relativos às variáveis linguísticas foram publicados em Calazans e Gomes (2022) e serão retomados na análise dos dados para situar os resultados obtidos para as variáveis sociais analisadas: sexo, faixa etária, escolaridade e grau de contato com o PB.

As próximas seções deste artigo tratam dos pressupostos da Sociolinguística, em que se baseia a análise, seguidos de uma breve descrição da comunidade Guarani pesquisada, e das seções com a metodologia de pesquisa, análise dos resultados e conclusão.

2 AQUISIÇÃO DE L2 E A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

As possibilidades linguísticas resultantes do contato linguístico entre duas ou mais línguas dependem de um conjunto de variáveis, tais como a importância política e econômica dos grupos de indivíduos que falam as diferentes línguas, se há deslocamento territorial (migração) e em que escala, o grau de integração à comunidade da língua-alvo, idade de aquisição (THOMASON; KAUFFMAN, 1988; SANKOFF, 2002), aspectos relacionados a princípios cognitivos gerais de aprendizado ou aquisição e os relacionados à experiência do falante com a língua (ELLIS, 2008; ELLIS; COLLINS, 2009; TAMMINGA *et al.*, 2016). Portanto, o estudo da aquisição de L2 pode abranger a observação da sociedade e/ou do indivíduo.

A aquisição de uma segunda língua envolve o domínio de aspectos estruturais, que podem ser categóricos ou variáveis na língua-alvo, assim como também envolve o desenvolvimento de habilidades comunicativas ancoradas nos significados sociais instanciados nas interações entre falantes em diferentes contextos sociais. Dessa forma, a Sociolinguística Variacionista, desde seu início, tratou de questões relacionadas à aquisição de L2 (WEINREICH, 1953; GUMPERZ, 1964; PRESTON, 1989; BAYLEY; PRESTON, 1996; MAJOR, 1998), de indivíduos em comunidades de fala bi- ou multilíngues, em uma abordagem que considera os falantes como parte de uma determinada organização social ou comunidade, e não apenas o indivíduo, como na abordagem exclusivamente da Psicolinguística (SANKOFF, 2002).

Do ponto de vista metodológico, o estudo da aquisição de L2, na abordagem da Sociolinguística, faz uso dos mesmos procedimentos de coleta de dados utilizados no estudo de comunidades monolíngues: amostras de fala obtidas através da entrevista sociolinguística e análise multivariada de fatores linguísticos, sociais e cognitivos. Dessa forma, diversos estudos têm mostrado que a variação sociolinguística encontrada nos dados de L2 não é aleatória, ao contrário, é altamente sistemática e tem relação com a

sistematicidade observada para as mesmas variáveis sociolinguísticas na língua-alvo (WOLFRAM; CHRISTIAN, 1975; WOLFRAM; CARTER; MORIELLO, 2004; MAJOR, 2004; HOWARD, 2006; SCHLEEF; MEYERHOFF; CLARK, 2011, entre outros).

Há que se considerar duas possibilidades de variabilidade presentes em dados de falantes de L2 (HOWARD *et al.*, 2013). Uma possibilidade (Tipo I) é a variabilidade relativa ao uso de uma forma não existente na língua-alvo, que pode passar a alternar com a forma da língua-alvo com o mesmo valor funcional /ou semântico. A outra (Tipo II) diz respeito à variação sociolinguística que faz parte do conhecimento linguístico dos nativos da variedade que está sendo adquirida. Para Howard *et al.* (2013, p. 340), a variação do Tipo I, por exemplo, o uso de “no go” e “don’t go” por falantes do inglês como L2, é uma característica marcante do desenvolvimento de L2, sendo observada nos estágios iniciais da aquisição. Nesse caso, o desafio para o falante é superar a variabilidade, ampliando o uso apropriado das relações de forma e função presentes na língua-alvo. A variação do Tipo II, para os autores, é parte da aquisição da língua/variedade-alvo, e diz respeito à habilidade do falante de L2 em dominar a variação sociolinguística e socio-pragmática presente na língua alvo. Segundo Howard *et al.* (2013, p. 341), a variação de Tipo II é uma característica da fala de L2 somente em um estágio avançado de aquisição. A afirmação não menciona em que condições de aquisição essa situação se observa. De fato, falantes adquirindo uma língua estrangeira em ambiente escolar podem demorar a incorporar variantes consideradas não-padrão, mesmo com baixo grau de estigma, persistindo nas de uso considerado padrão, normalmente as que são transmitidas em ambiente acadêmico.

No entanto, a literatura tem trazido evidências de um quadro mais complexo na aquisição dos padrões de variação sociolinguística da língua-alvo em situação de exposição direta à variedade nativa. O estudo de Calazans (2018), por exemplo, mostrou que mesmo falantes com baixo grau de fluência, de alguma maneira, refletem a variação sociolinguística da variedade alvo. A questão é em que medida os falantes de L2 replicam os condicionamentos observados nos falantes nativos, se estabelecem outros condicionamentos ou mesmo se alternam variantes de variáveis sociolinguísticas com formas não nativas. Gomes (1996, 1999, 2009) observou a variabilidade do Tipo I e do Tipo II, no português de contato do Parque Nacional do Xingu, no que diz respeito a contextos categóricos e variáveis de uso de preposição de argumentos internos de verbos e de adjuntos adverbiais no PB. Os dados foram coletados de uma subamostra com 7 falantes do Kamaiurá, extraída da amostra de Emmerich (1984). Nos dois tipos de variabilidade, foi observada a alternância entre presença e ausência da preposição. Nos contextos categóricos do PB (exemplos 1a., b., c., d.), a variabilidade, no português de contato, é desenvolvimental (Tipo I), isto é, diz respeito ao estágio aquisitivo do falante. Por outro lado, há contextos em que a variabilidade em L2 reflete o observado no PB para os falantes nativos (exemplos 2a., b., c., d.).

- 1.a. eu fiquei **Ø** vergonha, viu? (Tak, 243)
 - b. Aí fica **com** medo, tutu pessoal fica **com** medo (Su, 066)
 - c. pode mandar pro Sukuri ficar aqui também **Ø** posto (Suk, 406)
 - d. se ele tá aqui **no** posto, ele conversa (Suk, 499)
2. a. Kamaiurá não gosta **Ø** bicho (Kat, 631)
 - b. quando ele gosta **de** txicão ele faz, né, moitará (Suk, 525)
 - c. Ele ensina **Ø** eu língua de branco (Suk, 173)
 - d. [...] perguntei **po** rapaz tamém: que que é travessero? (Kot, 44)

O português de contato do Xingu, falado por indivíduos de diferentes etnias, se configura como um contínuo linguístico que pode ser observado nos diversos estágios de fluência dos falantes (EMMERICH, *op. cit.*, p. 6). Os 7 indivíduos do estudo de Gomes (1996) foram classificados nos níveis 5 (3 indivíduos), 6 (3 indivíduos) e 7 (1 indivíduo). Estes níveis se caracterizam, respectivamente, por acentuada simplicidade paradigmática e uso incipiente de marcas de concordância verbal e nominal; domínio do PB, mas em diálogos bastante ancorados na fala do interlocutor; e, finalmente, por apresentarem maior autonomia discursiva (EMMERICH, *op. cit.*, p. 36). Nos níveis de 1 a 4, estão os indivíduos com uso bastante incipiente do português. Foi adotada a hipótese de que os níveis de fluência representam diferentes estágios de aquisição do português. Com relação aos resultados obtidos, a análise de regressão logística mostrou que tanto a variabilidade do Tipo I quanto a do Tipo II são condicionadas pelo grau de coesão entre o

verbo e o sintagma preposicionado, a animacidade do núcleo do SN que faz parte do sintagma preposicionado, e a transparência semântica da preposição. O tipo de realização da preposição no PB, observada por nível de fluência, revelou que os falantes do nível 5 apresentam baixa tendência à realização de preposições tanto nos contextos de uso categórico quanto de uso variável; os do nível 6 ampliam o domínio dos contextos categóricos ao mesmo tempo que estão adquirindo os padrões de variação sociolinguística; e o do nível 7 domina completamente os contextos de uso categórico ao mesmo tempo que é sensível à distribuição das variantes nos contextos variáveis do PB (GOMES, 1996, p. 131). A observação do efeito da transparência semântica da preposição por nível de fluência também revelou que há um aumento da tendência à realização da preposição em função do conteúdo que codifica: +abstrata < orientação espacial < orientação para pessoa do discurso). Considerando que o nível de fluência reflete o estágio de aquisição, é possível afirmar, portanto, que a variabilidade desenvolvimental e a variabilidade sociolinguística fazem parte de um processo mais geral no qual os condicionamentos estruturais atuam da mesma forma. A distribuição dos tipos de ocorrências das preposições no *input* (de uso categórico ou variável) também tem papel fundamental, pois o falante com nível mais alto de fluência se caracteriza pelo preenchimento total dos contextos categóricos e adequação aos índices dos contextos variáveis, uma vez que, no PB, os contextos variáveis estudados não apontam predominância da ausência da preposição (GOMES, 1996, p. 136).

Schleef *et al.* (2011), em estudo sobre adolescentes poloneses migrantes, moradores de Edinburgo e Londres, observaram a aquisição da variável (ing), em itens como *everything* (tudo), com alternância na produção entre nasal velar e nasal alveolar, [iŋ] ~ [in], e constitui uma variação estável no inglês. O corpus é formado por alunos do ensino médio das duas cidades. Em Edinburgo, 16 adolescentes poloneses migrantes (8 homens e 8 mulheres) e 21 nativos do inglês britânico, e, em Londres, 21 adolescentes poloneses (8 homens, 13 mulheres) e 24 adolescentes, falantes nativos do inglês. Os dados dos adolescentes falantes nativos do inglês serviram de base para identificar os padrões de variação de (ing) a que os adolescentes migrantes estão expostos. O tempo de moradia na Inglaterra, portanto, de exposição ao inglês, varia entre 7 meses e 5 anos, com média de 2 anos e 5 meses nos dois grupos de migrantes. Foram observadas 420 produções de (ing) com uma consoante oclusiva velar final [iŋk] pelos adolescentes migrantes de Edinburgo.

Essas ocorrências nos dados dos poloneses foram interpretadas como efeito da transferência de L1, uma vez que, no polonês, somente há ocorrência de consoante velar nasal no contexto em que há uma consoante oclusiva velar seguinte. Embora com baixa frequência, esse tipo de ocorrência também foi verificado entre os adolescentes nativos de Londres: 31 dados em 1.188, produzidos por 6 dos 24 adolescentes da amostra. Estes dados de L1 foram considerados irrisórios e descartados da análise. Os resultados revelaram que, entre os nativos, a variante apical é mais frequente entre os adolescentes de Edinburgo do que entre os adolescentes de Londres, indicando que os adolescentes poloneses são sensíveis à distribuição das taxas de variante apical nas duas localidades. Com relação aos condicionamentos nos dados de L2, em alguns casos replicam totalmente o padrão local (efeito de *priming*¹ nos dados de Edinburgo), ou replicam parcialmente os padrões encontrados para os adolescentes nativos do local (ranqueamento diferente dos fatores de categoria gramatical do item com *ing* entre os poloneses de Edinburgo), ou introduzem um novo condicionamento não atestado para os falantes nativos locais (efeito de categoria gramatical não atestada para os ingleses).

Quanto às variáveis sociais, o estilo de fala se mostrou significativo para os nativos, com a predominância da variante velar em contexto formal, mas não para os poloneses das duas cidades. Tomados em conjunto, os resultados do estudo de Schleef *et al.* (2011) apresentam evidências de que os adolescentes, falantes do inglês como L2, são sensíveis aos padrões de variação da língua-alvo, mesmo com pouco tempo de exposição, e que a variabilidade observada é sistemática, indicando a emergência de padrões tanto linguísticos quanto cognitivos, mas ainda sem efeito de condicionamento estilístico.

Em suma, porque a variação sociolinguística é parte do conhecimento linguístico internalizado, os estudos sobre a aquisição de padrões de variação da língua-alvo têm contribuído para o entendimento do desenvolvimento da competência sociolinguística do falante de L2, procurando dar conta de como os fatores que condicionam o uso na língua-alvo, quer de ordem linguística, social, ou

¹ Efeito de *priming* nos estudos de produção da variação diz respeito à tendência dos falantes em repetir determinada variante em uma sequência no discurso. O paralelismo discursivo e o paralelismo oracional de Scherre e Naro (1993), no estudo da concordância verbal, são consideradas variáveis cognitivas (TAMMINGA *et al.*, 2016).

cognitiva, atuam na L2. Os estudos na área também abordam aspectos identitários e aqueles relacionados a diferentes contextos de aquisição (sala de aula, tipo de contato com o falante nativo da língua-alvo, etc).

3 DESCRIÇÃO DA COMUNIDADE GUARINI ESTUDADA

A Organização das Nações Unidas (ONU), em virtude do rápido e alarmante desaparecimento de línguas indígenas no mundo, instituiu o ano de 2019 como o “Ano Internacional das Línguas Indígenas”, que foi celebrado pela UNESCO². Nesse ano, dentre as políticas afirmativas advindas da celebração, foi publicado um atlas interativo que facilita o acesso a informações sobre línguas que correm perigo de extinção, o *Atlas of the World's Languages in Danger*³.

De acordo com esse mapeamento, há 190 línguas em risco no Brasil, divididas em *cinco* categorias, que vão de “vulneráveis” a “extintas”. O Guarani, língua nativa da comunidade de fala pesquisada no presente trabalho, apesar de contar com um número expressivo de falantes no Brasil e fora dele, encontra-se na categoria de línguas vulneráveis. Uma das razões desta situação está relacionada aos constantes conflitos fundiários que envolvem a invasão e/ou a perda de seus territórios.

Como consequência de conflitos dessa natureza, os Guarani chegaram ao Espírito Santo na década de 1960. As intensas ameaças sofridas de grileiros e fazendeiros, nos anos 40, motivaram os Guarani a se retirarem do sul do Brasil em direção a uma terra revelada à líder xamânica Tatantin Roa Eté. Nessa caminhada, que durou aproximadamente vinte anos, várias aldeias foram criadas ao longo do litoral brasileiro, na faixa que compreende o Rio Grande do Sul e o território capixaba.

Ainda que, inicialmente, eles tenham se estabelecido em Guarapari, atualmente os Guarani se concentram no litoral norte do estado, a cerca de 60 km da capital Vitória, em Santa Cruz, no município de Aracruz. São aproximadamente 300 índios Guarani Mbyá, divididos em cinco aldeias, a saber: *Tekoá Porã* (Boa Esperança), *Mboapy Pindo* (Três Palmeiras), *Piraquê-Açu*, *Ka Agui Porã* (Nova Esperança) e Olho d'Água (CARVALHO, 2013). Essas aldeias ainda são desconhecidas por grande parte da população espírito-santense.

Os Guarani residentes no Espírito Santo se mostram politicamente ativos e conscientes de seus direitos enquanto povo autóctone. Nos bairros circunvizinhos, são conhecidos pelas lutas constantes contra empresas de celulose existentes na região, pela venda de artesanato aos turistas, pelos eventos que organizam para divulgar sua cultura nativa e pelos constantes protestos contra o governo brasileiro. Uma visita às aldeias, contudo, reflete uma realidade um pouco diferente: pode-se dizer que há aqueles envolvidos no ativismo – o cacique e seus familiares – e aqueles que preferem o recolhimento e o distanciamento do não índio. Desse modo, é comum o sentimento de orgulho e de resistência frente às ameaças a sua língua nativa, que se configuram por meio da mídia, de casamentos exogâmicos e da escola – bilíngue apenas na primeira fase do ensino fundamental⁴. Existe, contudo, a preocupação dos mais velhos com os mais jovens – geralmente, menos conservadores e apegados a algumas tradições (cf. CALAZANS, 2018, p. 25-31).

4 METODOLOGIA

A amostra do português de contato é formada de 16 entrevistas, realizadas entre 2012 e 2016, nas aldeias Guarani *Tekoá Porã* (Boa Esperança), *Mboapy Pindo* (Três Palmeiras) e *Piraquê-Açu*, localizadas no litoral norte do Espírito Santo, conforme mencionado anteriormente. Essa coleta se deu por meio de um roteiro constituído por 75 perguntas abertas sobre a história, o dia a dia e o modo

² Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

³ *Atlas of the World's Languages in Danger*. Disponível em: <http://www.unesco.org/languages-atlas/index.php>.

⁴ Na segunda fase do ensino fundamental, as aulas ocorrem em Língua Portuguesa e o Guarani é uma das disciplinas que compõem a grade curricular. O ensino médio, no momento da nossa coleta de dados, era realizado todo fora das aldeias, em escolas não indígenas.

de vida dos indígenas pesquisados, seguindo os princípios da Sociolinguística Variacionista. No total, encontramos 1.070 ocorrências de verbos com sujeito na terceira pessoa do plural que, posteriormente, foram submetidas ao programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para a análise da variável presença/ausência da marca explícita de concordância número-pessoal conforme exemplificam, respectivamente, os excertos a seguir, retirados do banco de dados:

3.a. Inf. M2/PB-L2: (...) os mais velhos **FALAM** que os Guarani surgiram na Amazônia

b. Inf. M2/PB-L2: (...) os padres **FALAVA** que era pecado andar nu

Para observar em que medida os condicionamentos observados nos diversos estudos sobre o PB-L1 atuam no PB-L2 dos Guarani, os dados foram analisados em função de variáveis linguísticas (saliência fônica, distância e posição do sujeito em relação ao verbo, tempo verbal, animacidade do sujeito), cognitivas (paralelismo oracional, paralelismo discursivo) e variáveis sociais (idade, sexo e escolaridade). A variável linguística contável/não-contável, para o núcleo do sujeito, foi introduzida, dado que, em Guarani, de acordo com Dooley (2013), a marcação de plural no verbo ocorre somente com sujeitos contáveis. O objetivo foi verificar a possibilidade de alguma transferência de L1 para L2. Esses resultados estão publicados em Calazans e Gomes (2022) e serão brevemente comentados na seção sobre os resultados obtidos. Ainda, foi incluída a variável grau de contato com o PB-L1, sendo esta última uma variável não estratificadora da amostra.

Cabe ressaltar que, devido à dificuldade encontrada na busca por falantes do português de contato, a estratificação da amostra ocorreu apenas após a coleta de dados. Isso implicou a distribuição desigual de indivíduos por célula, além da existência de células vazias, como mostra o Quadro 1 a seguir.

Quadro 1: Distribuição dos falantes da amostra Guarani por sexo, grupo etário e escolaridade

	Até a 5ª série		+6ª série e fund. Completo		Ensino médio em diante		TOTAL
	M	F	M	F	M	F	
20 – 40	-	-	1	1	3	3	8
41 – 59	2	2	1	-	1	-	6
+60 anos	-	2	-	-	-	-	2
TOTAL	6		3		7		16

Fonte: Calazans (2018, p. 74)

Observa-se, de acordo com o quadro, que a estratificação por sexo é a única com uma distribuição equilibrada de indivíduos, oito indivíduos do sexo masculino e oito do sexo feminino. A estratificação etária, por sua vez, foi dividida em três faixas, com os indivíduos distribuídos da seguinte maneira: oito jovens (20 – 40); seis informantes na faixa intermediária (41-59 anos) e apenas dois na terceira faixa, que compreende os mais velhos (+60 anos). Com relação à escolaridade, os Guarani entrevistados foram divididos em três níveis: no primeiro nível, há 6 indivíduos que cursaram até o 5º ano; no segundo, 3 indivíduos que cursaram do 6º ano até o fundamental completo; no terceiro nível, que compreende o ensino médio e ensino universitário, há 7 indivíduos, sendo 2 com ensino universitário (um completo e outro em andamento).

A distribuição dos indivíduos por célula reflete a dificuldade, por várias razões, de organização de uma amostra desse tipo. Uma boa parte dos habitantes das aldeias tem baixa fluência no português e, por isso, não se voluntariou para a realização da entrevista. Também houve aqueles que se recusaram, por timidez, a falar diante de desconhecidos. O fato de não terem sido autorizadas

entrevistas noturnas, momento do dia em que os Guarani estavam envolvidos em questões internas das aldeias, também se configurou como um limitador, já que, durante o dia, muitos deles estavam trabalhando ou estudando. Assim, o total de falantes da amostra, com sua consequente distribuição a posteriori nas categorias sociais do estudo, foi possível a partir dos indivíduos que se dispuseram a participar desta pesquisa.

Tendo em vista os resultados obtidos em outras comunidades de fala indígenas, sabe-se que a exposição dos falantes ao PB tem relação direta com os estágios aquisitivos em que estes se encontram (EMMERICH, 1984; PAIVA, 1997; LOUREIRO, 2005; VEIGA, 2014). Desse modo, a variável grau de contato com o PB foi organizada em função de alguns parâmetros, como localidade de moradia (aldeia ou não, incluindo tempo de moradia fora da aldeia), mobilidade para fora da aldeia (viagem, trabalho, estudo), relação com outros grupos não indígenas (casamento endogâmico ou não, amizades etc.), distribuídos em 6 categorias, com base em Calazans (2014), pontuadas em uma escala de 0 a 3 (CALAZANS, 2018, p. 76). Assim, foram estabelecidos três níveis: grau baixo (de 0 a 3 pontos), com 4 indivíduos; grau moderado (de 4 a 6 pontos), com 5 indivíduos, grau alto (7 ou mais pontos), com 7 indivíduos distribuídos conforme demonstrado no Quadro 2 a seguir, considerando também o sexo dos falantes:

Quadro 2: Informantes por sexo e grau de contato

	Baixo	Moderado	Alto
M	-	2	6
F	4	3	1

Fonte: Calazans (2018, p. 75).

No grau baixo, duas mulheres, estão os Guarani com pouca ou nenhuma escolaridade, que passam a maior parte do tempo nas aldeias e que evitam a interação com falantes de PB-L1. No grau moderado, por sua vez, estão os indivíduos que, apesar de trabalharem e morarem dentro das aldeias, cursaram/cursam o ensino médio ou parte dele em escolas não indígenas. Já, no grau alto, estão os Guarani que, independentemente de sua escolaridade, envolvem-se diretamente com o ativismo indigenista frente às comunidades não índias. Também se encontram, nesse nível, os indivíduos casados com falantes nativos do português brasileiro.

Como, nas aldeias Guarani do Espírito Santo, as principais atividades de subsistência são a agricultura, basicamente milho, mandioca, banana, entre outros, e comercialização de artesanato, há contato constante com a comunidade do entorno, das localidades de Santa Cruz e Coqueiral de Aracruz. Registre-se que os indivíduos da amostra, e os Guarani em geral, só usam o português nas interações com não indígenas. Dessa forma, foi constituída uma amostra com 8 informantes do PB-L1, moradores das localidades anteriormente mencionadas, entre 20 e 45 anos: 4 homens e 4 mulheres distribuídos em dois níveis de escolaridade – ensino fundamental e ensino médio.

Os estudos sobre o português de contato atestam que, a depender do estágio aquisitivo ou grau de fluência, os falantes do PB-L2 tendem a produzir formas verbais não marcadas de 3ª pessoa, como no exemplo 3.b (EMMERICH, 1984; DUARTE, 1998; AMADO, 2015). Em vista disso, foram levantadas as seguintes hipóteses: 1) a probabilidade de realização de formas verbais de 3ª pessoa do plural com sujeito de 3ª p. pl. aumenta proporcionalmente ao aumento do grau de contato; 2) maior nível de escolaridade, como ocorre em estudos sobre a concordância verbal em comunidades nativas de PB-L1, favorece a ocorrência de verbos na 3ª. do plural; 3) e, diferentemente dos valores sociais que circulam nas variedades urbanas do PB-L1, uma vez que as mulheres Guarani, majoritariamente, se circunscrevem ao serviço doméstico dentro das aldeias, são os homens os que realizam mais a variante marcada de 3ª do plural com sujeito de terceira pessoa do plural.

5 RESULTADOS

A comunidade de falantes do PB-L1, no entorno das aldeias, se caracteriza por apresentar um percentual de realização de formas verbais de 3ª pessoa do plural compatível com o registrado para centros urbanos de médio porte (573/926 – 61,9%)⁵. Com relação às variáveis linguísticas e cognitivas, foi observado efeito da saliência fônica, paralelismo oracional e discursivo, na mesma direção do observado para comunidades de PB-L1 de outros estudos. Da mesma maneira, as variáveis escolaridade e sexo refletem os mesmos valores sociais atribuídos às duas variantes em grandes centros urbanos: mulheres e falantes com maior escolaridade tendem a usar mais a variante de 3ª p. plural. Quanto às variáveis linguísticas não significativas do ponto estatístico, é possível que a quantidade de dados não tenha possibilitado emergir as generalizações esperadas para estas variáveis, já que foram observados percentuais como os encontrados nos estudos sobre o PB.

Na amostra de PB-L2 dos Guarani do Espírito Santo, 48% dos 1.070 dados correspondem a formas verbais com desinência de 3ª pessoa do plural, o que acarretou um *input* de .47 de realização de verbos marcados. Esse valor corresponde à probabilidade de ocorrência da forma verbal de 3ª do plural, desconsiderando o efeito de quaisquer variáveis analisadas nesta pesquisa, uma probabilidade menor do que aquelas encontradas em outras análises da concordância verbal realizadas em comunidades de PB-L1 capixabas (cf. BENFICA, 2016; CALAZANS, 2018). Os resultados relativos às variáveis linguísticas presentes nos estudos sobre o PB-L1 indicaram os mesmos padrões de condicionamento da variação no PB-L2 dos Guarani. Já a variável relativa ao traço [+/-contável] do núcleo do sujeito⁶ se mostrou significativa estatisticamente, com efeito favorecedor de nomes contáveis (492/1015 – 48,5%, peso relativo=.51), e desfavorecedor de nomes não-contáveis (17/38 – 30,9%, peso relativo=.22), o que foi interpretado como uma transferência do sistema de marcação do Guarani para o PB-L2 (CALAZANS, 2018; CALAZAN; GOMES, 2021).

Das quatro variáveis sociais submetidas à análise estatística, três foram selecionadas – escolaridade, sexo e grau de contato – e uma foi descartada: a variável faixa etária. Ainda que não tenha sido estatisticamente relevante nos dados de PB-L2 da amostra Guarani, essa variável apresentou percentuais que seguem na mesma direção de condicionamentos encontrados em outros estudos sobre a concordância verbal tanto de PB-L1 quanto de PB-L2: os falantes mais jovens tendem a seguir as normas de prestígio (SCHERRE; NARO, 1997, 2010; VIEIRA, 1997; SILVA, 2005; LUCCHESI; BAXTER; SILVA, 2009). Foi observado o percentual de 57% de formas verbais marcadas entre os indivíduos de 20 a 40 anos, e de 40% entre os de 41 a 59 anos.

A seguir serão apresentados os resultados das três variáveis sociais selecionadas pelo Goldvarb X, isto é, as que se mostraram relevantes do ponto de vista estatístico.

A variável social *escolaridade* foi estatisticamente mais relevante que as demais variáveis extralinguísticas analisadas, tendo em vista que foi a primeira dentre as três a ser selecionada pelo Goldvarb. A Tabela 1 apresenta os resultados obtidos para os três fatores desta variável reorganizados em dois níveis⁷, conforme pode ser observado a seguir.

⁵ Ver Gomes, Melo e Barcelos (2016, p. 188).

⁶ **Traço [contável]:**

- Inf. M2/PB-L2: (...) quando os peixe TÃO botando os ovinhos (variante explícita)
- Inf. M2/PB-L2: (...) como TAVA correndo muito os carros os índios resolveram... fazer uns quebra-molinha (variante zero)

d) Traço [não-contável]:

- Inf. M2/PB-L2: (...) as coisas MUDAM e aí às vezes é pra renovar né que são males que vêm pro bem (variante explícita)
- Inf. M2/PB-L2: (...) as coisas se MATERIALIZA na mão deles (variante zero)

⁷ Nas tabelas, os valores de peso relativo são interpretados da seguinte maneira: valores próximos a 0 indicam baixa probabilidade de ocorrência da variante com marca de 3ª pessoa do plural, valores próximos a 1 indicam alta probabilidade de ocorrência. A interpretação também se baseia na distância entre os valores obtidos para dois ou mais fatores de uma mesma variável.

Tabela 1: Distribuição de formas verbais de 3ª pessoa do plural por escolaridade

ESCOLARIDADE			
FATORES	APL/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Até 8 anos de escolaridade.	151/491	30,8%	.25
Mais de 8 anos de escolaridade.	358/579	61,8%	.71
TOTAL	509/1070	47,6%	<i>Input</i> .44

Fonte: Calazans (2018, p. 129)

Os três níveis de escolarização (nível 1 – até a 5ª série; nível 2 – da 6ª série até o fundamental completo e, nível 3, ensino médio em diante) foram redistribuídos em apenas dois níveis: até 8 anos de escolaridade e mais de oito anos de escolaridade. Isso se deu porque, em uma primeira rodada, os dois primeiros níveis apresentaram os mesmos pesos relativos – ambos indicaram uma baixa probabilidade de ocorrência da forma verbal marcada, de .25. Assim, os fatores foram reorganizados em dois níveis. Os resultados encontrados, conforme mostra a tabela, replicaram, assim, os condicionamentos esperados para essa variável nos estudos com falantes de PB-L1: a tendência à maior realização de formas verbais marcadas é diretamente relacionada a uma maior escolaridade do falante.

Observa-se um efeito mais acentuado da escolaridade nos dados dos Guarani em comparação aos dados de Santa Cruz, encontrados em Calazans (2018), conforme a comparação do *range* da rodada dos dados do PB-L1 (29) e a do PB-L2 (46)⁸. Essa diferença está provavelmente relacionada ao fato de que há, na amostra do português de contato, desde analfabetos até indivíduos com ensino superior, o que não ocorre na amostra de falantes de PB-L1. Outro fator relevante diz respeito à própria configuração do ensino indígena ofertado a esses indivíduos. De acordo com o RCNei – Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1998), que orienta a educação indígena no Brasil, a língua de instrução deve ser a língua materna indígena e o português brasileiro deve ser ofertado como língua estrangeira. No entanto, na escola indígena localizada dentro da aldeia, as matérias são ministradas em Guarani e o português brasileiro é ensinado como segunda língua, como determina o Referencial, apenas até o 5º ano do ensino fundamental. Nessa fase, as turmas contam com um professor Guarani para todas as disciplinas. No segundo ciclo, do 6º ao 9º ano, os alunos Guarani são ensinados por professores Tupinikim que, como sabemos, são falantes de PB-L1. Nesse contexto, a língua Guarani passa a ser ofertada somente como disciplina. Além disso, até o momento da organização da amostra, os Guarani que chegavam ao ensino médio necessariamente estudavam em escolas não indígenas, fora do território das aldeias. Dessa forma, os resultados encontrados são mais acentuados, no sentido da maior diferença entre os dois níveis de escolarização, porque os índios mais escolarizados têm mais oportunidades de socialização com falantes nativos do PB-L1 que os índios menos escolarizados.

Considerando que, na amostra do português de contato, há dois indivíduos com nível superior e duas informantes analfabetas no primeiro nível de escolaridade, foram realizadas duas novas rodadas no Goldvarb para verificar o efeito dessa variável: uma sem os informantes mais escolarizados da amostra e outra sem as informantes com nenhuma escolaridade. Foi observado que, em cada rodada, o efeito da variável escolaridade se mantém exatamente o mesmo da rodada com os 16 indivíduos da amostra. Na rodada sem os falantes mais escolarizados (com formação universitária), o *input* da rodada caiu para .30, em relação à rodada com estes falantes. Também foi observada uma reorganização dos pesos relativos dos fatores da variável saliência fônica, de maneira que os fatores do nível um (menos salientes) não se apresentam mais como uma escala crescente com o último nível (1c) favorecendo a

⁸ O *range* é obtido subtraindo o menor do maior valor de peso relativo. Essa medida possibilita a comparação de resultados obtidos em rodadas diferentes e é indicativa da força dos fatores da variável analisada (TAGLIAMONTE, 2012).

aplicação (Nível 1a, peso relativo = .02, peso relativo =.13, peso relativo=.19)⁹ como no PB. Na rodada sem as mulheres sem escolarização, o *input* foi de .40., e o efeito dos condicionamentos linguísticos se mantiveram iguais à rodada completa.

O efeito da variável *escolaridade*, neste grupo de falantes do PB-L2, está relacionado ao estigma social causado pelo preconceito linguístico, que é amplificado quando se trata de indivíduos socialmente marginalizados como os indígenas e isso se reflete na relação deles com as instituições de ensino. Não foi raro encontrar relatos, em nossa amostra de PB-L2, de preconceito sofrido na escola e relatos da importância das instituições de ensino para a comunidade indígena, ainda que elas configurem um risco à manutenção da identidade étnica, caso o domínio progressivo do PB-L2 venha a ameaçar a predominância do Guarani como L1 dos indígenas da localidade estudada.

A variável *sexo* foi a segunda variável extralinguística selecionada pelo Goldvarb, o que evidencia a relevância do efeito dessa variável no condicionamento da variação. De acordo com as pesquisas sociolinguísticas, há uma regularidade no fato de as mulheres tenderem a usar mais as formas prestigiadas da língua que os homens (LABOV, 2008). No entanto, Paiva (2010), por sua vez, salienta que esse padrão feminino é característico de comunidades de fala ocidentais, de centros urbanos com economia capitalista, e que esse padrão pode se reverter em comunidades em que a organização social e os valores culturais são distintos. Essa inversão de comportamentos de homens e mulheres já foi registrada no estudo de Lucchesi, Baxter e Silva (2009), que encontrou uma maior tendência de uso, pelos homens, de formas verbais de 3ª pessoa do plural, na concordância verbal, em comunidades rurais do interior da Bahia. Nessas comunidades, os homens têm maior mobilidade e por isso mantêm mais contato com o exterior, isto é, com falantes de núcleos urbanos, enquanto as mulheres ficam restritas ao ambiente doméstico e ao trabalho na roça, tendo, portanto, menos contato com padrões linguísticos mais urbanos. A Tabela 2 a seguir apresenta os resultados obtidos para homens e mulheres Guarani.

Tabela 2: Distribuição de formas verbais de 3ª pessoa do plural por sexo

SEXO			
FATORES	APL/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Masculino	464/900	51,6%	.60
Feminino	45/170	26,5%	.09
TOTAL	509/1070	47,6%	<i>Input .44</i>

Fonte: Calazans (2018, p. 133)

Os resultados obtidos, alta tendência de homens produzirem formas verbais marcadas de 3ª p. do plural (peso relativo de .60) e baixíssima probabilidade para as mulheres (peso relativo de .09), confirmam a expectativa para este grupo de fatores, uma vez que a realidade das mulheres indígenas se aproxima do observado nas comunidades rurais afro-brasileiras. Essa distância acentuada nos resultados de homens e mulheres da comunidade Guarani reflete a diferença de estágio aquisitivo do PB-L2 em que ambos os grupos de falantes se encontram. A distância de fluência ou de estágio aquisitivo do PB também se reflete no total de dados obtidos, 900 dados de informantes masculinos, contra 170 de informantes femininos, entrevistados e gravados em circunstâncias iguais.

⁹ A escala da saliência fônica, organizada por Naro (1981), é dividida em dois níveis com três subníveis cada um. No primeiro nível, que indica a oposição não-acentuada, temos: a) não ocorre mudança na qualidade da vogal na forma plural (conhece/conhecem); b) ocorre mudança na qualidade da vogal na forma plural (ganha/ganham); e c) há acréscimo de segmentos no plural (diz/dizem). No segundo nível, por sua vez, que indica a oposição acentuada, temos: a) a mudança ocorre somente na qualidade da vogal na forma plural (está/estão); b) há o acréscimo de segmentos, mas não há mudança vocálica na forma plural (bateu/bateram); e c) envolve mudanças e acréscimos de segmentos na forma plural (veio/vieram) (SCHERRE; NARO, 1997). De acordo com essa hierarquia, o primeiro grupo, que corresponde aos níveis mais baixos de saliência, desfavorecem a concordância; e o segundo grupo, de níveis mais altos e, portanto, mais salientes, a favorecem.

Durante a realização das entrevistas nas aldeias Guarani do Espírito Santo, foi observada uma diferença nos papéis sociais exercidos por homens e mulheres, diferença que foi confirmada mais de uma vez pelos próprios falantes entrevistados. Emmerich (1984, p. 98-99) também identificou, no português de contato do Xingu, o mesmo efeito da variável sexo, devido ao fato de que os códigos socioculturais da Reserva também restringiam o desempenho linguístico das mulheres, uma vez que o contato com falantes não indígenas é mais restrito.

Assim, os diferentes papéis sociais de homens e mulheres, como ocorre nas comunidades xinguanas, têm como consequência diferentes formas de contato com o português brasileiro, que geram consequências na aquisição da segunda língua – o que nos leva a nossa última variável, grau de contato com o PB-L1. A variável *sexo* é, portanto, a única selecionada que apresenta comportamentos diferentes entre os falantes do PB-L1 e do PB-L2, devido, portanto, aos diferentes papéis sociais de homens e mulheres nas suas respectivas comunidades.

Quanto à variável extralinguística *grau de contato*, esta se revelou a quinta variável mais relevante da rodada dos dados de PB-L2. A hipótese para o efeito dessa variável na realização/não realização da concordância verbal é de que quanto maior o contato com a comunidade de falantes nativos do PB-L1, maior a probabilidade dos Guarani realizarem formas verbais marcadas de 3ª pessoa do plural. Os resultados obtidos se encontram na tabela a seguir:

Tabela 3: Distribuição de formas verbais marcadas por grau de contato

GRAU DE CONTATO			
FATORES	APL/TOTAL	PORCENTAGEM	PESO RELATIVO
Baixo	24/95	25,3%	.73
Moderado	56/127	44,1%	.82
Alto	429/848	50,6%	.41
TOTAL	509/1070	47,6%	<i>Input</i> .44

Fonte: Calazans (2018, p. 136)

De acordo com a Tabela 3, embora os resultados percentuais indiquem um aumento progressivo de formas verbais marcadas em função do maior grau de contato, os resultados de peso relativo se mostram invertidos, apontando tendência maior de uso para os níveis de menor contato e com frequências menores de formas verbais de 3ª pessoa do plural. Essa inversão normalmente está relacionada à distribuição de dados.

No nível 1 dessa rodada¹⁰, quando os grupos de fatores são avaliados individualmente do ponto de vista estatístico, os pesos relativos para os graus baixo, moderado e alto de contato foram de .27, .46 e .53 respectivamente, refletindo, portanto, os percentuais encontrados para cada um dos fatores. A inversão de pesos relativos ocorreu no nível 5, momento em que a variável *sexo* foi selecionada. Como não há, na amostra, uma boa distribuição de homens e mulheres de acordo com o grau de contato, conforme já observado nos comentários do Quadro 21, então, a distribuição com concentração de mulheres e homens em graus de contato diferentes e superposição, mesmo que parcial, das duas variáveis, leva à inversão dos pesos relativos.

¹⁰ O pacote Goldvarb avalia a relevância estatística dos grupos de fatores ou variáveis independentes em níveis de seleção (*step up*) dos grupos relevantes e de descarte (*step down*) dos não relevantes estatisticamente. No nível 1, as variáveis são avaliadas uma a uma, e a com melhor significância é selecionada. No nível 2, as variáveis remanescentes serão avaliadas a partir da primeira selecionada. E assim, sucessivamente, até não haver mais variáveis consideradas relevantes do ponto de vista estatístico.

Considerando que há uma forte relação entre grau de contato e sexo no grupo estudado, uma vez que o sexo é determinante das possibilidades de contato com o PB-L1, foram realizadas duas novas rodadas, uma somente com dados de mulheres e outra somente com dados de homens. Na primeira rodada, foram selecionadas as seguintes variáveis: saliência fônica, escolaridade, animacidade e paralelismo oracional, e descartadas as variáveis traço semântico contável/não-contável, tempo verbal, paralelismo oracional e posição, distância e realização do sujeito. Nessa rodada, o *input* foi de .17. O efeito para a variável escolaridade, controlada em três níveis como previsto na metodologia, indicou tendência à produção de formas verbais marcadas de 3ª do plural em função de nível mais alto de escolaridade. Já as variáveis faixa etária e grau de contato não foram selecionadas nem descartadas pelo programa. Seus comportamentos, contudo, foram os mesmos encontrados nas rodadas anteriores. Provavelmente, o total muito baixo de 170 dados tenha sido um fator impeditivo para emergir generalizações dos grupos de fatores observados.

Na rodada apenas com dados de falantes do sexo masculino, o programa estatístico selecionou as seguintes variáveis, nesta ordem: saliência fônica, escolaridade, paralelismo oracional, grau de contato, paralelismo discursivo, posição, distância e realização do sujeito e animacidade, tendo sido descartadas as variáveis tempo verbal, idade e traço semântico contáveis/não-contáveis. Nessa rodada, o *input* foi de .51 e, assim como ocorreu nas demais rodadas, os condicionamentos se mantiveram, inclusive a inversão encontrada nos resultados para grau de contato. Essa inversão ocorre logo no início quando a saliência fônica é adicionada e se acentua no momento que o programa adiciona a variável escolaridade.

É interessante observar que o grupo de fatores que mapeia o traço contável/não-contável do núcleo do sujeito, selecionado na rodada com todos os falantes, e com resultado que indica um condicionamento da variação relacionado com a transferência do sistema de marcação do Guarani para o PB, não foi selecionado na rodada somente com os dados dos homens. A comparação entre essa rodada e a com todos os falantes permite afirmar que esse efeito está relacionado aos dados das mulheres. No entanto, esse efeito não pôde ser capturado na rodada somente com os dados das mulheres devido ao número reduzido de dados obtidos. A diferença entre homens e mulheres, nesse caso, não é só relativa ao percentual de produção de formas verbais de 3ª do plural, mas também da possibilidade de transferência de L1 na marcação de relação entre verbo e sujeito em L2, o que reflete a diferença de estágio aquisitivo do PB-L2 em que ambos os grupos de falantes se encontram.

Ainda com o objetivo de verificar a dinâmica do português de contato em relação aos fatores sociais, e dado a importância do comportamento de homens e mulheres, duas novas rodadas, com todos os falantes, foram realizadas, já que a retirada dos indivíduos nos extremos de escolaridade (analfabetos e universitários) não afeta os resultados para as variáveis linguísticas. Em uma rodada foi estabelecido o cruzamento dos grupos de fatores sexo e grau de contato e, na outra, o cruzamento entre sexo e escolaridade, conforme pode ser observado respectivamente nas Tabelas 4 e 5 a seguir.

Tabela 4: Cruzamento das variáveis sociais sexo e grau de contato com todos os indivíduos

FATORES	Masculino		Feminino	
	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Baixo	-	-	24/95 = 25,3%	.21
Moderado	39/76 = 51,3%	.89	17/51 = 33,3%	.32
Alto	425/824 = 51,6%	.51	4/24 = 16,7%	.07
TOTAL			509/1070 = 47,6%	<i>Input</i> .44

Fonte: Calazans (2018, p. 139)

Conforme pode ser observado, não há diferença no comportamento de homens e mulheres em função do grau de contato. Os pesos relativos indicam desfavorecimento de formas verbais marcadas de 3ª pessoa do plural entre as mulheres e favorecimento entre os homens. A inversão de valores de peso relativo com percentuais praticamente idênticos entre os homens se deve provavelmente à célula vazia, no cruzamento entre sexo masculino e grau baixo de contato e ao fato de haver apenas uma mulher no grau alto de contato. A diferença principal na tabela é entre homens e mulheres, independentemente do grau de contato com o PB-L1.

Tabela 5: Cruzamento das variáveis sociais sexo e escolaridade com todos os indivíduos

FATORES	Masculino		Feminino	
	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO	FREQUÊNCIA	PESO RELATIVO
Até 8 anos.	138/402 = 34,3%	.33	13/89 = 14,6%	.04
Mais de 8 anos.	326/498 = 65,5%	.79	32/81 = 39,5%	.19
TOTAL			321/782 = 41%	<i>Input .31</i>

Fonte: Calazans (2018, p. 143)

De acordo com a Tabela 5, novamente se observa não haver diferença no comportamento de mulheres com diferentes níveis de escolaridade. O efeito da escolaridade só se observa para os homens.

Os resultados das Tabelas 4 e 5, tomados em conjunto, indicam que os papéis de homens e mulheres na organização social dos Guarani são determinantes do contato com o PB-L1, com consequências em relação à aquisição dos condicionamentos da concordância verbal de 3ª pessoa do plural, no que diz respeito à transferência de L1 para o PB-L2, e também em relação ao valor social das variantes, expresso na ausência de diferença nos pesos relativos dos fatores da variável escolaridade para as mulheres. Mesmo na situação em que há um maior grau de contato, como é o caso da única falante com grau alto, assim classificada por ser casada com um falante nativo de PB-L1 e por ter residido fora da aldeia, o resultado encontrado indica que também entram em questão as características do indivíduo (ELLIS; COLLINS, 2009) ou mesmo os tipos de interação com falantes nativos do PB a que estão expostos ou têm acesso¹¹.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo sobre o uso variável de formas verbais marcadas ou não marcadas com sujeitos de 3ª pessoa do plural, com dados do português de contato dos Guarani do Espírito Santo, mostrou que a dinâmica da variação no PB-L2 é fortemente relacionada com aspectos sociais, especificamente no que diz respeito aos papéis de homens e mulheres na organização social dos Guarani e suas consequências no contato com o PB. Os resultados mostraram que as mulheres apresentam tendência mais acentuada à transferência de padrão de marcação da relação verbo-sujeito do Guarani (traço contável/não-contável), assim como também o comportamento observado de mulheres não reflete os valores sociais das duas variantes detectados nos estudos sobre o PB-L1. Também foi observado que o efeito dos fatores da saliência fônica apresenta uma organização interna dos pesos relativos diferente da observada nos diversos estudos sobre o PB, quando excluídos os dados dos falantes com nível universitário, de maneira que não há diferença entre os fatores do nível 1 de saliência fônica. Ainda, as diferenças observadas entre o português de contato dos Guarani

¹¹ Utilizando a Plataforma R, foi realizada uma análise de efeitos mistos, incluindo os falantes como variável aleatória, além das variáveis independentes submetidas à regressão logística no Goldvarb. O resultado confirmou a relevância estatística de fatores das variáveis sociais sexo e escolaridade, das variáveis cognitivas, paralelismo formal e discursivo, e das variáveis linguísticas, posição do sujeito, saliência fônica, traço contável e traço animado. Esses resultados corroboram os verificados na análise de Calazans (2018), utilizando o Goldvarb X.

e o PB podem refletir diferentes estágios de aquisição, que podem, a depender de um conjunto de aspectos, incluindo os comentados aqui relacionados ao tipo de interação com os falantes do PB-L1, indicar cristalização ou avanço em direção aos padrões de variação observados para o PB (ELLIS, 2008). Portanto, a ampliação da amostra com falantes homens com menor grau de contato com o PB e de mulheres com diferentes graus de contato e escolaridade possibilitará um aprofundamento dos resultados aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

- AMADO, R. de S. O português étnico dos povos Timbira. *Papia*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 103-119, jan./jun., 2015.
- ATLAS OF THE WORLD'S LANGUAGES IN DANGER, 2019. Disponível em: <http://www.unesco.org/languages-atlas/index.php>. Acesso em: 10 mar. 2022.
- BAYLEY, R.; PRESTON, D. R. (ed.) *Second Language Acquisition and Linguistic Variation*. Amsterdam: John Benjamins, 1996.
- BENFICA, S. de A. *A concordância verbal na fala de Vitória*. 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.
- CALAZANS, P. C. *Para uma sócio-história da língua guarani no Espírito Santo: uma análise sob a perspectiva sociolinguística*. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- CALAZANS, P. C. *A marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural no português de contato dos Guarani do Espírito Santo*. 2018. 148f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.
- CALAZANS, P. C.; GOMES, C. A. A concordância verbal de 3ª pessoa no Português de Contato dos Guarani do Espírito Santo. In: LIMA, Shelton; PESSOA, Ligiane; CALAZANS, Poliana; RIBEIRO, Celeste. *Bilinguismos em cena, línguas em interação*. Rio Branco: Nepan., 2022. p. 85-109.
- CARVALHO, M. L. *Tempo, aspecto e modalidade na língua Guarani Mbyá (Tambeopé)*. 2013. 197 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
- CASTRO, M. G.; SPAZIANI, L.; LIMA-HERNANDES, M. C. O português de contato falado pelos índios Kamaiurá. *Dialogia*, v. 0, p. 18-24, 2001.
- CHRISTINO, B. “Hoje nós não somos mais Huni Kuin só na nossa língua”: o português Kaxinauí em interações transculturais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 57, n. 3, p. 1486-1511, 2018.
- CHRISTINO, B.; LIMA E SILVA, M. de. Concordância verbal e nominal na escrita em Português Kaingang. *Papia*, v. 22, n. 2, p. 415-428, 2012.
- CHRISTINO, B.; LIMA E SILVA, M. de. A expressão de plural em Português Huni Kuin: um exame dos sintagmas nominais. *Letrônica*, v. 10, n. 1, p. 30-45, 2017.

- DOOLEY, R. A. *Léxico Guarani, dialeto Mbyá: com informações úteis para o ensino médio, a aprendizagem e a pesquisa linguística*. Versão de 26 de agosto de 2013. Porto Velho: Associação Linguística Internacional – SIL BRASIL, 2013.
- DUARTE, A. M. M. *A expressão da categoria modo-temporal no português de contato*. 1998. 97f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Filologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no Português Brasileiro*. 1995. 161f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- DUARTE, M. E. L. Aquisição do sujeito pronominal em L2. In: RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília de M. (org.). *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 43-64.
- ELLIS, N. C. The Dynamics of Second Language Acquisition: Cycles of language use, language change, and Language Acquisition. *The Modern Language Journal*, 92, ii, p. 232-249, 2008.
- ELLIS, N. C.; COLLINS, L. Input and second language acquisition: the roles of frequency, form, and function introduction to the special issue. *The Modern Language Journal*, v. 93, n. 3, p. 329-335, 2009.
- EMMERICH, C. *A língua de contato no Alto Xingu: origem, forma e função*. 1984. 278f. Tese (Doutorado em Linguística e Filologia) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1984.
- EMMERICH, C.; PAIVA, M. da C. Português xinguno: origem e trajetória. In: CARVALHO, Ana Maria de. *Português em contato*. Madrid: Vervuert Verlag, 2009. p. 153-163.
- FERREIRA, M. Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos Parkatêjê. *D.E.L.T.A.* v. 21, n. 1, p. 1-21, 2005.
- FERREIRA NETTO, Waldemar. A concordância verbal em alguns textos escritos por Waiápi. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA, 1996, Salvador, Atas do Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. Salvador: Abralín/Finepe/UFBA, 1996. p. 216-219.
- FRANÇA, A. I. Comparação de aquisição do inglês e do português como L2. *PAPIA: Revista de Estudos do Contato Linguístico*, v. 9, p. 43-51, 1997.
- GOMES, C. A. *Aquisição e Perda de Preposição no Português do Brasil*. 1996. 156f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.
- GOMES, C. A. Directionality of language change and acquisition. *Language Variation and Change*, v. 11, n. 2, p.213-230, 1999.
- GOMES, C. A. Aquisição do subsistema de preposições no português de contato do Xingu. In: CARVALHO, A. M. de (org.). *Português em Contato*. Madrid/Frankfurt am Main: Iberoamericana/Vervueert, 2009. p. 165-176.
- GUMPERZ, J. J. Linguistic and social interaction in two communities. *American Anthropologist*, v. 66, n. 6, p.137-153, 1964.
- HOWARD, M. Variation in advanced French interlanguage: A comparison of three (socio)linguistic variables. *Canadian Modern Language Review*. v. 62, p. 379-400, 2006.

HOWARD, M.; MOUGEAN, R.; DEWAELE, J.-M. Sociolinguistics and Second Language Acquisition. In: BAILEY, R.; CAMERON, R.; LUCAS, C. (ed.). *The Oxford Handbook of Sociolinguistics*. New York: Oxford University Press, 2013. p. 340-359.

LABOV, W. Some principles of linguistic methodology. *Language in Society*, v. 1, n. 1, p. 97 – 120, 1972.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. BAGNO, M.; SCHERRE, M. M. P.; CARDOSO, C. R. (Trad.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LIMA E SILVA, M. de. 2011. 138f. *Português Indígena Kaingang: Uma questão de concordância*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2011.

LOUREIRO, F. C. *Aspectos da pluralização no português de contato do Alto Xingu*. 2005. 166f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; SILVA, J. A. da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 331-371.

LUCCHESI, D.; MACEDO, A. A variação na concordância de gênero no português de contato do Alto Xingu. *Papia*, v. 9, p. 20-36, 1997.

MACEDO, A. Discourse markers in the Portuguese of the Upper Xingu. In: MOLLICA, M. C.; MARTELOTTA, M. E. T. (org.). *Análises linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000. p. 84-92.

MAIA, M. Uma mente, duas línguas: reflexões sobre a transferência de padrões de ordem vocabular em textos de falantes indígenas bilíngues. *Cadernos de Educação Escolar Indígena – 3º grau indígena*. Barra do Bugres: UNEMAT, v. 4, n. 1, p. 52-65, 2005.

MAJOR, R. Interlanguage Phonetics and Phonology: An Introduction. *Studies in Second Language Acquisition*. v. 20, p. 131-137, 1998.

MAJOR, R. Gender and stylistic variation in second language phonology. *Language Variation and Change*, v. 16, p. 169-188, 2004.

MATTOS E SILVA, R., V. *Sete estudos sobre o português Kamayurá*. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1988.

MOLLICA, M. C. de M. Padrões fonológicos variáveis em aquisição. In: RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. de M. (org.). *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 33-42.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v. 57, n. 1, p. 63-98, 1981.

PAIVA, M. da C. de. Variação e aquisição do traço de sonoridade. In: RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. de M. (org.). *Variação e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 15-32.

PAIVA, M. da C. de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, M. C. de M.; BRAGA, M. L. (org.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 33-42.

PRESTON, Ds. *Sociolinguistics and Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 1989.

BRASIL. *Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas*. Brasília: Ministério da Educação e Desporto, 1998. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=26700. Acesso em: 12 fev. 2015.

ROJAS-BERSCIA, L. M.; PEREIRA, D. W.; KUIKURO, M. M. O português dos jovens da aldeia Afukuri: notas sobre o contato linguístico no Alto Xingu. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 12, p. 21-39, 2020.

RONCARATI, C. In: RONCARATI, C.; MOLLICA, M. C. de M. (ors.). *Varição e aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. p. 65-102.

SANKOFF, G. Linguistic Outcomes of Language Contact. CHAMBERS, J. K; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (ed.). *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 2002. p. 638-668.

SANKOFF, David; TAGLIAMONTE, Sali; SMITH, Eric. *Goldvarb X: variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 18 abr. 2016.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 1-14, 1993.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: HORA, D. (org.). *Diversidade Linguística no Brasil*, João Pessoa: Ideia, 1997. p. 93-114.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Perceptual vs. Grammatical Constraints and Social Factors in Subject-Verb Agreement in Brazilian Portuguese, *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*: v.16, n. 2, 2010. Disponível em: <http://repository.upenn.edu/pwpl/vol16/iss2/20>. Acesso em: 25 mai. 2015.

SCHLEEF, E.; MEYERHOF, M.; CLARK, L. Teenagers' acquisition of variation: A comparison of locally-born and migrant teens' realisation of English (ing) in Edinburgh and London. *English World-Wide*. v. 32, n. 2, p. 206-236, 2011.

SILVA, J. A. A. da. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado da Bahia*. 2005. 323f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

TAGLIAMONTE, S. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2012.

TAMMINGA, M.; MACKENZIE, L.; EMBICK, D. The dynamics of variation in individuals. *Language Variation and Change* v. 28, p. 335-356, 2016.

THOMASON, S.; KAUFFMAN, T. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press, 1988.

VEIGA, P. R. V. Uma breve reflexão da aquisição da língua ancestral como segunda língua: entre as falas em Português e Guarani. In: FERREIRA, R. V.; AMADO, R. de S; CHRISTINO, B. (org.). *Português indígena: novas reflexões*. Studies in Romance Linguistics, Munique: LINCOM, 2014. p. 130-141.

VIEIRA, S. R. A não concordância em dialetos populares: uma regra variável. *Graphos*, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. 115-134, 1997.

WEINREICH, U. *Languages in Contact*. The Hague: Mouton, 1953.

WOLFRAM, W.; CHRISTIAN, D. *Sociolinguistic Variables in Appalachian Dialects. Final Report*. Center for Applied Linguistics: Arlington, 1975.

WOLFRAM, W.; CARTER, P.; MORIELLO, B. Emerging Spanish English: New Dialect formation in the American South. *Journal of Sociolinguistics*, v. 8, n. 3, p. 339-358, 2004.



Recebido em 11/12/2020. Aceito em 07/02/2021.